

A Constituição da Sexualidade na Psicanálise e a Performance de Gênero de Judith Butler: Aproximações e Distanciamentos

Diego Anizio da Silva¹; Juliany Karoline dos Santos Faccenda¹; Raiza da Silva Reis¹; Thainá Maria da Silva Almeida¹; Luiz Guilherme Araujo Gomes²

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo discutir sobre a constituição da sexualidade na psicanálise e a compreensão de gênero a partir da autora Judith Butler para verificar as aproximações e distanciamentos sobre os conceitos de sexualidade e gênero. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica. Este trabalho se organiza em três partes: a primeira sobre a constituição sexual na psicanálise, a segunda sobre as vertentes do movimento feminista com um recorte teórico dos estudos de gênero em Butler e, por fim, na terceira parte, fazemos uma discussão entre a psicanálise e Butler com algumas considerações sobre essas teorias. Conclui-se que existem distanciamentos teóricos compreensíveis por se tratarem de correntes distintas e verifica-se aproximações que são possibilitadas pela aderência de Butler, mesmo sendo uma pós-estruturalista, de conceitos psicanalíticos, a exemplo a pulsão.

Palavras-chave: Sexualidade, Psicanálise, Butler

INTRODUÇÃO

Neste artigo realizamos uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica por entender que tal pesquisa possibilita estudar fenômenos variados que envolvem os seres humanos e suas relações sociais nos mais diversos ambientes, o fato de ser também uma pesquisa de revisão bibliográfica possibilitou entrar em contato com aspectos que não teríamos acesso físico por razões diversas (Godoy, 1995), para tanto pesquisamos a constituição de sexualidade na psicanálise e gênero nos estudos de Judith Butler. Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma discussão sobre a maneira como essas teorias

situam estes dois conceitos para verificar as aproximações e distâncias teóricas. Para isso, buscamos na psicanálise na constituição sexual do sujeito o papel do biológico, escolhas, desejos e posicionamentos. Em Butler, as concepções sobre o sexo e sua função, o gênero e seus desdobramentos. Este estudo foi motivado a partir de uma verificação da existência de alguns estudos feministas que utilizam a psicanálise como base teórica e também vertentes que tecem críticas à esta teoria.

No primeiro tópico deste trabalho, apontamos as concepções da psicanálise, no segundo descrevemos algumas vertentes do feminismo e realizamos um recorte pesquisando as concepções da autora, filósofa e feminista Judith Butler, na terceira parte realizamos a discussão entre as teorias.

A escolha de Butler é justificada por esta utilizar o conceito de pulsão, extraído da psicanálise, em sua teoria, mas também por tecer críticas à ela, viabilizando uma discussão que possa permitir uma compreensão crítica de ambas as teorias.

Diante dos distâncias de Butler da psicanálise verificamos que muitas partem de um lugar cabível de articulações e reposições, verificamos críticas pertinentes quanto a elaboração teórica e prática da psicanálise, principalmente no que diz respeito à identificação partindo de um objeto que remete à um modelo heterossexual de família que conseqüentemente formará o sujeito.

1. A CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

Em psicanálise o sujeito se constitui e não nasce. Para entender esta constituição é necessário considerar o campo pelo qual ele se faz. Para tanto, o inconsciente é estruturado como e a partir de uma linguagem, tratando-se aqui do sujeito do inconsciente que se insere em um mundo humano que o aguarda e já preparou um lugar para essa nova inscrição. Portanto, a psicanálise considera isso que é de âmbito social que existe antes mesmo do sujeito nascer e é só por essa inserção que ele é concebido como humano, isso pois, “sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá.” (ELIA, 2004, p. 39).

Segundo Elia (2004) a sexualidade freudiana é regida por uma lógica que é articulada ao inconsciente em que não tem como fundamento a bioquímica a serviço da reprodução, articulada com a pulsão, a sexualidade do ser que é falante, vai sendo estruturada em termos significantes.

Para Freud (1905) a sexualidade está presente desde a infância, sendo responsável pela

etiologia das neuroses estando a criança na infância imersa nas relações edípicas envolvendo ela, a figura paterna e materna.

O interesse nos genitais nesta fase da vida fez com que Freud desse grande importância a este aspecto quanto a relevância deste para esta constituição e denominou esse momento como a primazia dos genitais. Posteriormente retificou que para ambos os sexos o que estava em questão era somente um genital, o pênis, não sendo, portanto, uma primazia dos genitais, mas sim, uma primazia do falo. (FREUD, 1923).

Tal descoberta dos genitais faz com que menino e menina se empenhem em descobrir as questões relativas aos seus órgãos.

Sem dúvidas o garoto pequeno se dá conta de que homens e mulheres são diferentes, mas inicialmente ele não tem motivo para relacionar isso com uma diferença entre os órgãos genitais de ambos. Para ele é natural supor que todos os outros seres vivos, tanto pessoas como animais, possuem um órgão semelhante ao seu, e sabemos até que ele busca igualmente em coisas inanimadas uma formação análoga. (FREUD, 1923, p. 171).

O menino percebe em um dado momento que alguns não tem o órgão como o seu, isso ao observar os sons ao urinar ou mesmo de ver o genital de sua irmã ou de suas companheiras de jogos, e recusa em um primeiro momento a ausência do pênis, acredita que o pênis pequeno ainda irá se desenvolver e posteriormente, em uma segunda experiência, acredita que estas tinham e o perderam. (FREUD, 1923).

Freud (1923) diz que não podemos acreditar que os meninos acham que todas as mulheres perderam o órgão, pois acredita que as mulheres respeitadas, como sua mãe, ainda o possuem e somente as mulheres não “dignas”, que fazem “impurezas”, assim como ele, o perderam.

Somente a posteriori, com os questionamentos sobre como nascem os bebês, que absorve que somente mulheres podem ter filhos e percebe, conseqüentemente, que sua mãe também perdeu o pênis, assim apresenta-se ao menino a ameaça de também perder seu tão estimado órgão. (FREUD, 1923).

Freud até então só havia teorizado o complexo de Édipo no menino e dizia que sabia que na menina o processo daria-se diferentemente, mas que ainda não havia conhecimento para tal explicação, é em 1925 em *“Algumas conseqüências psíquicas da diferença anotômica”* que Freud de fato teoriza sobre o complexo de Édipo na menina. (FREUD, 1925).

O complexo de Édipo na menina carrega uma questão a mais, pois para esta a mãe, assim como no caso do menino, foi o primeiro objeto de amor. Porém existe uma diferença anatômica a priori, que produz afetos diferenciados dos meninos. Como se dá, portanto, no caso das meninas? (FREUD, 1924).

A menina, quanto a diferença anatômica, em um dado momento irá perceber a notável diferença de seu órgão genital em comparação ao dos meninos. Imediatamente irá reconhecê-lo como superior, em comparação ao seu pequeno e escuso órgão, passando então, a sentir inveja do pênis. Diferentemente da experiência do menino que vê e finge que não viu, e só com a ameaça de castração, reconhece tal perda em alguns, a menina vê, sabe que não o tem, mas o quer. (FREUD, 1925).

Uma das consequências da inveja ao pênis é que “com o reconhecimento da ferida narcísica, produz-se na mulher – como uma cicatriz, por assim dizer – um sentimento de inferioridade”. (FREUD, 1925, p. 292).

A ideia de ter um pênis é ainda segundo Freud (1925) posteriormente substituída pela ideia de ter um filho (falo) com o pai e tomar este como objeto amoroso, a mãe passa então a ser um objeto de ciúmes e culpada por ela não ter um órgão tão mais “pronto”.

Freud faz menção muito mais ao pênis do que ao falo, apesar de afirmar que não se trata de uma primazia dos genitais, mas sim do falo, por exemplo. (FREUD, 1923 apud COSTA e BONFIM, 2014). De acordo com Lacan, Freud não utilizou o termo falo por acaso, pois na antiguidade grega o termo não era idêntico ao pênis, sendo mais utilizado em termos de simulacro, um símbolo, o que para o autor indica uma representação do desejo. (LACAN, 1957 apud COSTA e BONFIM, 2014).

O complexo de Édipo na menina é um processo secundário, pois ao passo que no menino este sucumbe por conta do complexo de castração, na menina é possibilitado pelo complexo de castração. No menino a ameaça de castração em seu ideal tem a função arrasadora que despedaça, sublima, dessexualiza e forma o super-eu. Na menina, por sua vez, o complexo de Édipo permanece, pois a castração já produziu antes seus efeitos *por reconhecer que não tem um órgão* [grifo nosso], e este complexo é abandonado aos poucos por conta das duras repressões externas, porém seus efeitos podem permanecer até a vida adulta da mulher. (FREUD, 1925).

A escolha de objeto sexual parte da castração que marca o sujeito em suas relações pelo resto da vida, a escolha de objeto poderá partir de uma escolha do tipo narcísica em que se escolhe um objeto partindo do que ela é, já foi ou será e no tipo de escolha por apoio, um que protege e outro que é protegido. (QUINET, 2013).

Por outro lado, no que se refere a posição sexuada, ou seja homem ou mulher, Quinet ressalta que a partir das fórmulas de sexuação de Lacan define-se homem o que está submetido à função fálica, ou seja, o todo-fálico e define-se mulher a que está na função fálica, porém não por completo, pois também está fora dela, e por isso é nomeada não-toda. (QUINET, 2013).

Lacan, no seminário 18, escreve sobre a dissimetria entre os sexos, que parte da ordem do UM, o sujeito do inconsciente, o significante, e pela ordem do Outro, que é S (\bar{A}), que se manifesta como ausência. A partir disso cada um irá lidar de certo modo com o “quantificador universal”, o falo. (ARÁN, 2003).

Lacan ao teorizar que a relação sexual não existe parte do gozo pois este, enquanto sexual, é fálico e isso quer dizer que ele não se relaciona com o Outro (mulher) como gozo.” [...] tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o que dá testemunho a experiência analítica, e testemunho de que a mulher se define por uma posição que apontei com o *não-todo* no que se refere ao gozo fálico. (Lacan, 1985, p. 3).”

Isto acontece, pois o gozar do homem é o gozo do órgão e, portanto, o homem não goza do corpo da mulher. (Lacan, 1985).

Como explicação, Lacan utiliza uma fórmula da topologia em que os espaços do gozo sexual são finitos, recobertos com conjuntos abertos, excluindo seu limite, isso quer dizer que tais espaços abertos constituem uma finitude, uma série finita e que eles podem ser tomados um a um ou melhor, uma a uma. (Lacan, 1985).

É mesmo isto que se produz no espaço do gozo sexual – que por este fato se verifica ser compacto. O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse *uma a uma*. (Lacan, 1985, p. 19).

De acordo com a autora Maurano (2010) as mulheres existem justamente em uma materialidade empírica, sendo contadas uma a uma, não existindo a possibilidade de serem elas generalizadas. A mulher é, portanto, marcada pelo indefinido e por esta razão a mulher não existe, pois ela precisa ser inventada.

Lacan parte do mito da orda primitiva para explicar o homem como sendo todo estando ele submetido a castração e essa como marca para sua definição. Isso acontece, pois inconscientemente há um registro de que “ao menos um” ou seja, o não castrado da orda primitiva, o pai, gozava de todas as mulheres. Por esta razão o masculino é ancorado como

significante, pois existe um, o pai da orda primitiva, que estabeleceu aos homens um todo. (ARÁN, 2003).

O pai da horda primitiva tinha para si todas as mulheres da tribo e ao passo em que meninos iam crescendo iam sendo expulsos, certo dia os irmãos retornaram e mataram o pai comendo sua carne dando um fim à horda patriarcal. O pai logicamente era invejado e temido por esses filhos e por devorarem sua carne o fizeram por identificação, ganhando cada filho um pouco de sua força. Essa refeição totêmica é considerada a mais antiga comemoração da humanidade, sendo esta uma repetição responsável pelo início da organização social, da religião e restrições morais. (FREUD, 1913 – 1914).

Assim, para que os pais subsistam desempenhando tal função e papel foi e é preciso que ele estivesse na história anterior aos pais subjetivos e únicos de cada um, e além disso que existisse morto. A morte do pai da horda primitiva por seus filhos não se deu por outra razão se não para mantê-lo vivo “chamo a atenção de vocês, de passagem, para o fato de que em francês, e em algumas outras línguas, entre as quais o alemão, *tuer*, matar, vem do latim “*tutare*”, que quer dizer conservar.” Para tanto o pai da orda primitiva se mantém vivificado. (LACAN, p. 215, 1901 – 1981).

Lacan (1985) ressalta que assim como as mulheres estão no campo do não-todo também existem homens nessa posição e estes se sentem muito bem nela, isso pois, não se trata de uma rigidez em que um macho não pode estar nesta posição. Portanto, não é porque a mulher está como não-toda na função fálica que ela não possa estar nela de toda, pois ela está lá de à toda com um algo a mais, um gozo a mais que muitas delas nem o conhecem mas tem notícias por experimentarem.

Faz-se importante ressaltar sobre as pulsões em que esta não está a função da reprodução mas sim com metas de variadas formas de obtenção de prazer. (Jorge, 2010).

Segundo Lacan (1953 – 1954) a teoria das pulsões não está na base da psicanálise mas em cima, sendo ela abstrata e que faz jus aos conceitos da física, atração, matéria, força e entre outras coisas, que foram sendo elaboradas com a evolução da ciência.

De acordo com Freud (1915) existe um estímulo pulsional que é interno ao sujeito que atua como uma força constante que está presente desde o surgimento do organismo. Freud considera a pulsão como sendo um limite entre o psíquico e o somático.

As pulsões são numerosas, advindas de diversas fontes do organismo, com a meta de atingir um princípio de prazer, podendo agir umas pelas outras e trocar facilmente de objetos, por esta razão são capazes de realizarem outras coisas para além de seus objetivos. (FREUD, 1915).

Freud ressalta que na teoria popular sobre a pulsão divide-se sempre o ser humano em dois, homem e mulher, e por esta razão causa-se grande surpresa que existam homens que tem como objeto sexual outros homens, e mulheres que tem como objeto outras mulheres. A estes casos Freud dá o nome de invertidos e os considera muito comuns apesar da imprecisão de dados. (FREUD, 1905).

Assim, compreende-se que a diferença sexual na psicanálise é marcada pela presença ou ausência do órgão genital masculino, o que conseqüentemente provoca tanto em meninos quanto em meninas questões das mais variadas possíveis a depender das percepções de cada sujeito.

O social está presente e é considerado uma vez que ele está posto antes mesmo do sujeito nascer, e este social é preparado para essa chegada. O sujeito na psicanálise se refere ao sujeito do inconsciente e essa constituição se dá através da linguagem, portanto, o sujeito do inconsciente é constituído do outro pela linguagem.

O biológico apesar de ser o ponto inicial da teoria não é o único determinante para a constituição, uma vez que o sujeito do inconsciente porta um corpo que é pulsional, e que portanto, não necessariamente acata as regras de normatização do social. Logo para saber algo sobre o sujeito é preciso ouvi-lo para compreender sua posição no mundo. De maneira articulada a pulsão está nas ações dos sujeitos, a dispor das metas que são sempre para a obtenção de prazer, ou seja, de desejo.

As posições de todo-fálico e não-todo dizem das posições de homens e mulheres em que não há rigidez quanto a posição ocupada, isso pois, existem homens nas posições de não-todo e mulheres na posição de todo.

A identificação está posta para os sujeitos que podem se identificar com a figura materna ou paterna, por vezes mal compreendida, esta teoria diz de posições paternas e maternas e que partem da percepção da criança, não necessariamente será ocupada por um homem e uma mulher.

Uma vez feita a identificação a escolha de objeto é possibilitada e esta escolha não necessariamente seguirá o que se espera de um modelo heterossexual, justamente por conta das pulsões, logo existem homens cujo objeto sexual são outros homens e mulheres que tem como objeto sexual outras mulheres.

1. A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS, AS VERTENTES DO FEMINISMO E O ESTUDO DE GÊNERO EM BUTLER

Ao se considerar as produções de Butler, ao longo de seus trabalhos, faz-se importante destacar o processo histórico que sustenta esta posição diante das relações de poder que se estabeleceram. Isto se dá, de certa forma, em contraponto com aquilo que subsidiou a produção da psicanálise, tendo em vista que a base de seu início se deu a partir do modelo vienense de família, cuja relação se dá com a figura do masculino como aquele que detém uma posição privilegiada.

É na virada para o século XXI que o termo “movimento social” foi reconhecido no mundo todo, mas anterior a isso já haviam junções coletivas lutando por um bem comum, como no século XVIII, na Europa Ocidental e na América do Norte. (TILLY, 2010).

Pensando historicamente os movimentos sociais sempre existiram e sempre existirão, pois são poderes organizados, de atividades, de inovações sociais e de experimentações no campo social. Na história observa-se que os movimentos eram pautados na organização e conscientização da população, muitas vezes pela via da mobilização e ou pressão. (GOHN, 2011).

O conceito de movimento social foi sendo alterado e expandido pelos vários autores e movimentos que falaram sobre tal temática, inicialmente com a publicação de “O Manifesto Comunista” o termo significava basicamente movimentos na história de minorias e ou pró-minorias. Analistas políticos também escreveram sobre os movimentos sociais, como no jornal *Die Gegenwart*, por exemplo, escreveram que “os movimentos sociais são geralmente nada mais do que uma primeira busca por um resultado histórico válido” (WIRTZ, 1981, p. 20 apud TILLY, 2010, p. 140).

A partir do final do século XIX os analistas políticos expandiram e pluralizaram os movimentos, incluindo assim, os camponeses, as organizações de proletários, as mulheres e vários outros. (HEBERLE, 1951, p. 2-11 apud TILLY, 2010).

Os movimentos feministas surgiram como um movimento com o intuito de compreender sua história bem como seus processos, produzindo reflexão crítica, e o que é raro, construindo seus próprios estudos. Tal concomitância se deu pois as mulheres de classe média, com educação nos diferentes ramos como humanidades, crítica literária e psicanálise impulsionaram tal interlocução. (PINTO, 2010).

Os historiadores do campo dos estudos feministas fizeram uso de uma série de abordagens para analisar o gênero, porém estas podem ser resumidas em três vertentes teóricas. A primeira é de cunho completamente feminista e tinha como intenção explicar as origens do patriarcado, a segunda segue uma tradição marxista, tendo compromisso com as críticas advindas do feminismo, já a terceira é dividida em escolas anglo-americanas das

relações de objeto e escolas francesas que podem ser divididas em estruturalistas e pós-estruturalistas. (SCOTT, 1995).

Na primeira corrente as teorias se concentraram dando atenção à subordinação das mulheres e descobriram que isso acontecia, pois havia a necessidade do homem dominar as mulheres. “Na sua engenhosa adaptação de Hegel, Mary O’Brien, define a dominação masculina como um efeito do desejo dos homens de transcender a sua alienação dos meios de reprodução da espécie.” (SCOTT, 1995, p.4) A teoria do patriarcado tem como objetivo questionar a desigualdade entre os homens e mulheres, porém os historiadores acham problemáticas essas teorias, pois estas propõem uma análise interna quanto ao gênero. O que se apresenta como problemático é que para essas teorias a dominação se dá por meio da apropriação masculina do trabalho reprodutivo da mulher ou que ela se dê pela reificação sexual das mulheres pelos homens, sendo que esta análise está na diferença física. (SCOTT, 1995).

Toda diferença física tem um caráter universal e imutável mesmo quando as teóricas do patriarcado levam em consideração a existência de mudanças nas formas e nos sistemas de desigualdade de gênero. Uma teoria que se baseia na variável única da diferença física é problemática para os(as) historiadores(as): elas pressupõe um sentido coerente ou inerente ao corpo humano – fora qualquer construção sócio-cultural – e portanto, a não historicidade do gênero em si. De um certo ponto de vista, a história se torna um epifenômeno que oferece variações intermináveis sobre o tema imutável de uma desigualdade de gênero fixa. (SCOTT, 1995, p.4).

Já as feministas marxistas, segundo Scott (1995), seguem uma vertente histórica, assim como a teoria. A grande questão que elas buscam encontrar é um esclarecimento material para explicar o gênero, atrasando assim o desenvolvimento, por exemplo, da análise envolvendo o capitalismo e o patriarcado, como também nas que se apoiam nas análises de vertentes marxistas ortodoxas quanto aos modos de produção:

[...] a explicação das origens e das transformações de sistemas de gêneros é encontrada fora da divisão sexual do trabalho. Afinal de contas, famílias, lares e sexualidade são produtos de modos de produção que mudam. É assim que Engels concluía as suas explorações na *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, é sobre isso que se baseia a análise da economista Heidi Hartmann. Ela insiste sobre a necessidade de considerar o patriarcado e o capitalismo como dois sistemas separados, mas em interação. Porém, na medida em que desenvolve a sua argumentação, a causalidade econômica se torna prioritária e o patriarcado está sempre se desenvolvendo e mudando como uma função das relações de produção.

(SCOTT, 1995, p.4).

Os estudos de gênero na teoria marxista tentam buscar uma compreensão da vida social feminina ao longo do percurso histórico, justificando que as mulheres são exploradas pelo sistema capitalista através da domesticação do trabalho. (SANTOS, 2011).

O terceiro movimento é caracterizado pelas escolas anglo-americanas e as escolas francesas, sendo que a primeira baseia-se nos estudos das relações objetais, podendo-se citar Nancy Chodorow e Carol Gilligan como contribuintes para os avanços nestes estudos e no caso de Gilligan, para os estudos históricos. Por outro lado, ao contrário da escola anglo-americana, a escola francesa é definida em estruturalismo e pós-estruturalismo, sendo baseada em Freud e Lacan, que usa os termos da teoria da linguagem, muito utilizado pelas feministas. (SCOTT, 1995).

Apesar da importância das autoras feministas, a escolha por Judith Butler se dá pela relevância teórica de grande impacto no universo anglo-saxônico que a mesma possui e pelo destaque que tem tomado diante dos movimentos fascistas no Brasil. Por possuir influências de autores pós-estruturalistas como Deleuze, Foucault e Derrida, e por ideias da filosofia crítica pós-kantiana e hegeliana, sua aproximação com a psicanálise não é completamente possível, por se tratar de uma teoria dita pós-estruturalista ao passo que a psicanálise trata-se de uma teoria estruturalista. (COSSI e DUNKER, 2014).

Butler considerava importantes as interfaces entre a psicanálise e o feminismo em seus trabalhos, principalmente na década de 1990, influenciando autoras feministas e acarretando a retomada das obras de Lacan neste campo, porém mesmo assim não deixou de tecer críticas a este. (COSSI e DUNKER, 2014).

Eventualmente a diferença sexual é entendida como diferenças materiais, e contrária a esta ideia, Butler acredita que a diferença da-se a partir de práticas discursivas, sendo que a nomeação discursiva do sexo é sempre normativa. Assim, o sexo funcionará não somente a favor da normatividade, mas também como prática regulatória que forma os corpos que governa, que regula, demarca, diferencia e controla. “Assim o sexo é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas.” (BUTLER, 2000, p.1) Assim:

"sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as norma regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que materialização não é nunca totalmente

completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. (BUTLER, 2000, p. 1).

Segundo Butler (2000), o fato de a materialização não ser completa faz os corpos serem instáveis, não conformados, podendo ir contra a lei regulatória, se voltando contra ela mesma, gerando articulações outras que não necessariamente seguirá a normatividade.

Butler diz que, portanto, o gênero é performativo e intencional, sendo que esta tal intencionalidade de gênero se refere à fenomenologia em que a estrutura do discurso é intencional e que diz de alguma coisa no mundo. (KNUDSEN, 2010; COSSI e DUNKER, 2014).

Em entrevista, Butler diz que nesse sentido fenomenológico:

[...] eu pratico um gênero, mas não o pratico num mundo solipsista, estou sempre, em certo sentido, me referindo a, comentando, habitando, retrabalhando um conjunto de normas de gênero que estão em mim e também fora de mim, então isso é intencional no sentido de que está se referindo a um mundo exterior. Mas não quero dizer que um gênero seja totalmente consciente, ou que seja totalmente voluntário, pois acho que não é. (KNUDSEN, 2010, p. 196).

A performatividade de gênero advém de um discurso que nomeia o sexo de modo que o regula e isto deve ser entendido como uma prática reiterativa em que o discurso produz justamente o que nomeou ou não. É importante frisar que as normas regulatórias trabalham performativamente afim de materializar o sexo do corpo afirmando a diferença sexual, seguindo um imperativo heterossexual. (BUTLER, 2000).

De acordo com Cossi e Dunker (2014), para Butler a concepção de gênero deve ser entendida de maneira problemática, tendo de ser visto como subsídio “performativo da linguagem” considerando as questões políticas que moldam as relações de poder que existem entre os gêneros.

Quanto a isso Butler aponta que o “sujeito” se faz de extrema importância para a política, e mais especificamente para a política feminista, uma vez que os “sujeitos” são constituídos por práticas de exclusão que não se apresentam nitidamente por conta da estrutura jurídica em que se constitui a política. (BUTLER, 1990).

Butler (1990) lança, apesar disso, justamente a possibilidade do “sujeito” não se situar diante da lei a espera de uma representação desta ou por esta e diz que o que talvez determine o gênero é na verdade uma ontologia que antecede o social composta por pessoas que permitem ser governadas, legitimando um contrato social.

Por fim, a autora diz de um problema político quanto a nomeação das mulheres pelo

feminismo em que o termo em si denota uma identidade comum. “Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”. (BUTLER, 1990, p. 21).

A explicação de Butler para que a nomeação não tenha se tornado exaustiva é de que o gênero nem sempre foi visto de modo coerente e ou consistente e, além disso, o gênero é resultado de interseções de classes, étnicas, raciais, sexuais e regionais em identidades construídas discursivamente. Assim separar gênero das interseções sociais e políticas em que se foi constituído se tornou impossível. (BUTLER, 1990).

Butler critica algumas psicanalistas lacanianas feministas por suas concepções acerca do gênero em que a explicação gira em torno da identificação objetal. (BUTLER, 2010 apud KNUDSEN, 2010).

A autora diz que estas psicanalistas feministas que tem como base as relações objetais tendem a assumir uma relação antecedente entre homem-mulher que determina uma diferenciação quanto ao gênero a partir de uma identificação ou diferenciação com a mãe. (KNUDSEN, 2010).

Butler faz crítica a esta concepção binária dos sexos em que a ontologia da constituição sexual tem como base uma origem natural dos gêneros. A autora afirma que o sujeito na psicanálise se estruturara a partir da relação que é heterossexual normativa, sendo que a passagem pelo Édipo normalizaria o sujeito fazendo com que o gênero, a sexualidade e a família sejam cruciais para a “socialização, estruturas correspondentes e comensuráveis”. (COSSI e DUNKER, 2017, p. 3).

Para Butler a psicanálise não precisa se servir de reacionarismos em que a cultura tem como início uma heterossexualidade indiscutível. Butler ainda faz um chamado para a questão das novas configurações de família que não necessariamente terão a presença de um pai ou uma mãe que seguem um padrão normativo. (BUTLER, 2003).

De acordo com Cossi e Dunker (2014) o que causa maior simpatia em Butler é curiosamente o que propicia maior resistência a inclusão estruturalista de Lacan. Deste tal período pode se destacar a noção de pulsão, em que “somos dirigidos por aquilo que não conhecemos e não podemos conhecer. Esta ‘pulsão’ (Trieb) é precisamente o que não se reduz à biologia e nem à cultura, mas sempre o lugar de sua densa convergência”. (BUTLER, 2004, p.15 apud COSSI e DUNKER, 2014, p.2).

Portanto, o corpo enquanto pulsional não aceita por completo as normatizações que determinam corpos de homens e corpos de mulheres. Tal pulsão tem assim um poder transformador e outro que faz a resistência, o que vai de encontro com os posicionamentos políticos de Butler. (COSSI e DUNKER, 2014).

Em resumo compreende-se que para Butler a diferença sexual é sustentada por práticas discursivas, tais práticas nomeiam inclusive o sexo que serve como ideal regulatório com a finalidade de normatiza-lo. Tal ideal regulatório forma consequentemente o corpo esperando que ele se adeque a normatividade sustentada pelo discurso, porém este não necessariamente se adequa justamente porque a materialização do discurso sobre o sexo não é completa fazendo com que corpos sigam outros modos que não o esperado.

Assim o gênero é compreendido pela autora como performativo, ou seja vivencia-se a gênero a partir de interseções de classe, etnia, raça entre outros, assim uma pessoa pratica um gênero e não é um gênero.

Butler, faz uso da psicanálise tanto por aproximação no que se refere a interesses políticos com o conceito de pulsão, quanto faz críticas à vertentes da teoria que explicam o gênero a partir da identificação objetal o que presume uma relação naturalmente normativa com a presença de um pai e de uma mãe que irá formar o sujeito a partir desse modelo.

2. A SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE E O GÊNERO EM BUTLER

O pênis ocupou e ocupa na teoria psicanalítica um lugar de extrema importância, isso pois, é entorno deste órgão ou representação simbólica que giram as fantasias infantis, tanto de meninos quanto de meninas, quanto a constituição sexual e como irão lidar com tal presença ou ausência. Os desdobramentos desta problemática são dos mais variados possíveis, influenciando não só a vida infantil quanto a adulta. Sabe-se que no caso do menino este o tem e teme perdê-lo, mas no caso da menina esta não o tem mas o quer, logo esta percebe que há um em desvantagem com relação ao outro.

No mito totemico podemos identificar que o pai ocupava uma posição superior, de força e poder e os filhos homens ao rebelarem-se contra essa pai matando-o e comendo sua carne por identificação ganham sua força e poder, este evento marca o início da organização da sociedade, marcando a posição universal do homem.(FREUD, 1913 – 1914; ÀRAN, 2003).

De fato observa-se que na psicanálise que a diferença entre os sexos possui desdobramentos variados na constituição dos sujeitos, definindo aspectos de passividade e atividade, autoridade e inferioridade que partem da observação subjetiva do sujeito em constituição. Se existe tal percepção que não necessariamente é rígida e muito bem definida pode-se considerar que de fato existem diferenças entre os sexos, porém o sexo em si não é única e exclusivamente o fator passivo decisivo de diferença.

Butler (2000) diz da performatividade de gênero em que há sexos que irão se adequar a uma norma regulatória externa que é heteronormativa e dá-se a partir de práticas discursivas sobre o sexo, que é um regulador, porém o corpo não é tão passivo a esta norma, pois este pode se rebelar contra ela e performar o gênero de outro modo que não o esperado heteronormativo.

Na psicanálise, assim como em Butler, há uma ordenação que impõe sobre o “sujeito” que dirá do seu posicionamento no mundo, inclusive quanto à sua sexualidade. No caso da psicanálise se refere à ameaça de castração e em Butler se refere a lei regulatória que impera sobre o sexo. Isto nos faz observar que algo do externo, seja isto representado pelo pai ou por um ideal regulatório, constituirá o sujeito, em ambas as teorias o sujeito pode ou não seguir o esperado enquanto norma.

A partir da castração uma das consequências, para a psicanálise, é a escolha de objeto que dirá o modo como o sujeito irá se relacionar com o outro. Por outro lado, Butler diz que o gênero é performativo da linguagem influenciado por questões políticas e de poderes existentes entre os gêneros. Aparentemente temos aqui um contraponto, pois na psicanálise trata-se de objeto sexual, ou seja, com o que o sujeito irá se relacionar, já para Butler se trata de performatividade de gênero. (KNUDSEN, 2010; COSSI e DUNKER, 2014).

Na psicanálise podemos observar que nunca houve uma nítida diferenciação entre escolha de objeto e o gênero, uma vez que a escolha de objeto parte de uma identificação com um dos gêneros, seja do pai ou seja da mãe ou dos que fazem esta função e é partindo desta identificação que o sujeito irá viver seu gênero em que um processo influencia o outro (NÁSIO, 2007). Em Butler (2000) também não há uma clara diferenciação entre o sexo, gênero e a escolha do parceiro ou parceira sexual, pois dependerá de como o sujeito irá performar seu gênero, de acordo ou não com a lei regulatória. Por outro lado, como veremos adiante, a concepção da psicanálise partindo da identificação é passível de problematização.

Sobre esta constituição Lacan diz que a mulher se constitui uma a uma por não ter um significante da ordem do universal, se constituir uma a uma significa dizer que esta mulher se constrói durante a vida em suas relações, por outro lado, o homem é o todo no campo do universal, que carrega um significante que os unifica. (LACAN, 1985; ÀRAN, 2003). Percebe-se que isso reforça a ideia de que a mulher está em um lugar desvalido como se o homem estivesse pronto e a mulher precisasse se criar.

Butler (1990) aponta que o “sujeito” se faz de extrema importância para a política, pois este vai sendo constituído a partir das relações de poder e de práticas de exclusão que não são claras, logo podemos perceber uma distância entre a psicanálise e Butler, pois para a

primeira o homem possui um significante universal que os unifica e as mulheres precisam se criar e para Butler o “sujeito” se constrói a partir de práticas de exclusão.

Butler (1990) lança a possibilidade de uma ontologia anterior ao social determinar o gênero permitindo serem governados, o que acabou por legitimar o contrato social. Podemos entender portanto que talvez esse significante, em termos psicanalíticos, foi e vem sendo sustentado por uma permissão que legitimou e legitima tais diferenças.

Para tanto, Lacan (1985) ressalta que não se trata de uma rigidez em que a mulher está no campo do não-todo e o homem no campo do todo, pois estes podem estar em um campo outro que não o esperado e se sentirem confortáveis em tal posição.

Butler (1990) lança luz para a discussão de que se uma mulher é uma mulher isso não é tudo sobre ela, não se tratando de uma unidade, Lacan (1985) diz que na psicanálise, a mulher pode se constituir em termos significantes durante toda a vida, o homem também, porém esse traz consigo uma marca que os une.

Psicanaliticamente identificamos que a unificação das mulheres na psicanálise não é possibilitada por conta do biológico, pois estas não possuem um pênis, já para Butler essa unificação não é possibilitada, pois em termos de performatividade esse “sujeito” existe em interseções.

Butler (2010 apud KNUDSEN, 2010) faz crítica à psicanalistas feministas que explicam a constituição a partir das relações objetais que partem portanto de um pai e uma mãe, o que inviabiliza a criação de uma criança por um casal do mesmo sexo, sobre isso ressalta-se que em psicanálise, segundo Násio (2007), apesar de o termo pai e mãe serem recorrentemente utilizados estes se tratam muito mais de uma função desempenhada pelos papéis do que rigidamente uma figura homem e uma figura mulher.

O que causa a simpatia de Butler à psicanálise é o retorno de Lacan à Freud com o conceito de pulsão, em que o corpo não é passivo à espera de uma normatização, mas sim um corpo pulsional fazendo resistência ou acatando a regulação externa. (BUTLER, 2004, p.15 apud COSSI e DUNKER, 2014, p.2).

O conceito psicanalítico de pulsão realmente vai de encontro com os propósitos políticos de Butler, pois, o corpo enquanto pulsional não acata necessariamente o que o social espera e empenha para que o sujeito siga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo que tem como proposta verificar as concepções de sexualidade e gênero na

psicanálise e os estudos de gênero em Butler com o objetivo de produzir um debate possível se fez importante, pois, verificamos que as produções teóricas não possibilitam de maneira efetiva uma discussão, para tanto, identificamos um terreno fértil para verificar as aproximações e distanciamentos entre as concepções de Butler e a psicanálise mesmo a primeira tendo fortes influências do pós-estruturalismo e a segunda se tratar de estruturalismo.

Verificamos com esta pesquisa que o feminismo possui diversas correntes e que seria precipitado supor que o feminismo produz críticas à psicanálise uma vez que existem nele vertentes que fazem uso da teoria como base teórica. A escolha de Butler se deu justamente pelas aproximações, porém também pela crítica que não se exige de fazer à psicanálise. Isso pois, na teoria psicanalítica o homem ocupa um lugar de destaque originalmente se comparado a mulher, além de que a psicanálise parte de uma heteronormatividade originária.

Foi possível identificar que existem pontos de aproximações e distanciamentos entre as teorias, as aproximações são possíveis de debate enquanto complementariedade pela utilização de conceitos psicanalíticos por Butler, por exemplo quanto ao conceito de pulsão.

Na teoria e na prática os homens sempre ocuparam uma posição de superioridade, no caso de Butler esta superioridade está sustentada pelo sexo que regula a partir da linguagem o gênero. No caso da psicanálise, os homens carregam um significante universal que dá a eles um lugar ocupado pelo pai da orda primitiva que não é senão, também, sustentado pela linguagem. A relação de poder aqui pode ser reafirmada uma vez que partindo do mito, a psicanálise explica a realidade a partir de um homem que era quem detinha o poder.

O sexo enquanto biológico é importante para ambas as teorias, pois a partir dele o sujeito irá se relacionar, de modo esperado ou não com o outro que determinará como o sujeito irá se posicionar na partilha sexual.

As posições de homem e mulher, apesar de aparentemente muito bem delimitadas socialmente não estão passíveis de serem determinadas exclusivamente pelo social, isto pois, o sujeito irá lidar de modo subjetivo com o imposto e pela lógica do desejo, isso pode ser explicado pelo papel da pulsão que ambas as vertentes fazem uso.

No campo dos distanciamentos teóricos entendemos as epistemologias como sendo diferentes o que faz compreensível a existência de divergências e além disso teoricamente algumas críticas de Butler à psicanálise são motivadas pela gama de estudos e avanços da teoria. Assim, as críticas de Butler são compreensíveis e ainda importantes para repensar as práticas descontextualizadas em uma teoria que avança com seu tempo pedindo uma compreensão mais crítica e um posicionamento político mais estabelecido com as práticas de dominação do feminino ainda atuais.

REFERÊNCIAS

ÁRAN, Márcia. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. **Natureza Humana**, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000200001>. Acesso em: 08 ago. 2017.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org) *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*, 2ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-162.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos pagu**, p. 219-260. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a10>>. Acesso em: 09 abril 2007.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 12ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

COSSI, Rafael Kalaf. DUNKER, Christian Ingo Lenz. A diferença sexual de Butler a Lacan: Gênero, espécie e família. **Psicologia: Terapia e Pesquisa**, vol. 33, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722017000100404&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 01 set. 2017.

COSTA, Ana; BONFIM, Flavia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. **Ágora**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 17, p. 229-245. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov. 2017.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. (1925) In: *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*. (1923-1925). São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. A organização genital infantil. (1923) In:_____. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. A Dissolução do complexo de Édipo. (1924) In:_____. São Paulo: Comanhia das letras, 2011.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905) Rio de Janeiro: Imago, 2009.

_____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. (1913 – 1914) Rio de Janeiro: Imago, 2009.

_____. Os instintos e seus destinos, 1915. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, n.3, v. 35, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em 17 Nov. 2017.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, n. 47, v. 16, , 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 22 Set. 2017.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da picanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010.

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Estudos feministas**, Florianópolis, 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2010000100009>. Acesso em: 25 Set. 2017.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud*. (1953 -1954) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. *O seminário: livro 4: a relação de objeto*.(1901 – 1981) Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editor, 2007.

_____. *O seminário: livro 20: mais, ainda.* (1985) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MAURANO, Denise. O que quer uma mulher? **Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v. 22, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a14v22n1.pdf>. Acesso em 11 Nov. 2017.

NÁSIO, Juan David. *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa.* Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polític.** v. 18, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003. Acesso em: 23 Set. 2017.

QUINET, Antonio. A escolha do sexo com Freud e Lacan. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho Jorge (org). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização.* São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 131-140.

SANTOS, Jucélia Bispo. Novos movimentos sociais: Feminismo e a luta pela igualdade de gênero. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 9, p.81-91, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/CyVSog> Acesso em: 25 Set. 2017

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. 1995. Educação e realidade, 71-99, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 09 Jul. 2017.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/6562> Acesso em: 03 Ago. 2017.